

## REFLEXÕES SOBRE AS PRÁTICAS LINGUÍSTICAS PRESENTES NO MODELO DE PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

### *REFLECTIONS ON THE LINGUISTIC PRACTICES BEHIND THE MODEL OF RESEARCH AS AN EDUCATIONAL PRINCIPLE*

Kayron Campos Beviláqua<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, abordamos o modelo de pesquisa como princípio educativo utilizado na EJA da Prefeitura Municipal de Florianópolis à luz de teorias linguísticas que concebem a leitura e a produção escrita como atividades sociointeracionistas. Demonstramos, primeiramente, que, na EJA-PMF, ocorre a leitura e produção de muitos textos, porém, eles refletem uma prática pouco dialógica. Em seguida, defendemos que isso ocorre, pois: (i) o aluno não é agente de um processo discursivo, isto é, não há interlocução, por exemplo, na leitura presente no processo de pesquisa; e (ii) a produção escrita, gerada como produto da pesquisa, não ganha sentido dentro de uma situação discursiva. Por fim, jogamos luz sobre a relação entre as bases epistemológicas adotadas e as metodologias empregadas.

Palavras-chave: EJA-PMF; Leitura e produção de textos; Práticas Linguísticas.

**ABSTRACT:** In this paper, we study research as an educational principle used in EJA in Florianópolis by means of linguistic theories that see reading and written production as sociointeractionist activities. Firstly, we show that in the EJA-PMF there are many reading and writing activities, but they do not reflect a dialogical practice. We then argue that this happens because: (i) the student is not an agent of a discourse process, i.e., there is no dialogue, for example, in the reading process; and (ii) the written production, generated as a product of a research, does not make sense within a discursive situation. Finally, we shed light on the relationship between the epistemological bases adopted and the methodologies used.

Keywords: EJA-PMF; Reading and writing; Linguistic Practices.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Letras, UFPR.

## 1. INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto do meu período de atuação como estagiário do curso de Língua Portuguesa e Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) na Educação de Jovens e Adultos (EJA) da Prefeitura Municipal de Florianópolis (PMF), referente à disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I — MEN7001, estágio este realizado no segundo semestre de 2015. Durante este período, várias reflexões foram feitas, dada a proposta de ensino adotada pela EJA-PMF, que busca romper com o modelo tradicional de ensino, fundamentando-se na prática de pesquisa como princípio educativo. Dessa forma, este artigo apresenta uma análise de aspectos que considero relevantes à discussão do modelo de pesquisa como princípio educativo e das práticas linguísticas voltadas à leitura e produção escrita empregadas nesse modelo<sup>2</sup>.

Na EJA-PMF, de acordo com o Caderno do Professor (FLORIANÓPOLIS, 2008a, p. 11), utiliza-se “a pesquisa como princípio educativo e como o eixo principal das atividades, por ela proporcionar o desenvolvimento cotidiano da grande maioria, senão a totalidade, dos objetivos, princípios e saberes citados”. A pesquisa é, então, realizada com o objetivo expresso de obter um conhecimento novo e estruturado sobre um tema preciso. Na EJA-PMF, contudo, a pesquisa, muito comumente, é realizada como levantamento bibliográfico. São trabalhos que, na verdade, muito pouco têm de pesquisa, e esta é utilizada apenas com o propósito de levantar dados e conhecimentos relativamente estáveis sobre algum tema para exposição no próprio universo escolar.

---

<sup>2</sup> É importante deixar claro, sobretudo, que todas as análises aqui apresentadas partem das observações realizadas em apenas um polo de ensino, um recorte, portanto; e naturalmente, não se estendem à rede de ensino da EJA-PMF como um todo.

Nesse processo, ocorre a leitura e a produção de muitos textos, que, assim como a pesquisa, refletem uma prática pouco dialógica. Há apenas a leitura-cópia e a produção-cópia de textos. O objetivo deste artigo é, portanto, analisar esse quadro à luz de teorias linguísticas que concebem a leitura e a produção escrita como processos linguísticos — e, portanto, através dos quais e nos quais se dá a atividade humana — de interação entre sujeitos sócio-histórica e ideologicamente constituídos.

Defenderemos, assim, que a prática de pesquisa na EJA-PMF não produz, de fato, pesquisa, conhecimento novo, apenas levantamento de informações já dadas, pois: (i) o aluno não é agente de um processo discursivo, isto é, não há interlocução, por exemplo, na leitura presente no processo de pesquisa; e (ii) a produção escrita, gerada como produto da pesquisa, não ganha sentido dentro de uma situação discursiva. Nosso intuito mais amplo é jogar luzes sobre a relação entre as bases epistemológicas adotadas e as metodologias empregadas, ou seja, mostrar como não adianta alterar os fundamentos do ensino se as velhas práticas metodológicas continuam as mesmas.

## 2. AMBIENTANDO O LEITOR

A educação de adultos em Florianópolis foi oficialmente oferecida pela prefeitura em 1970 com foco na alfabetização, e destinava-se a favorecer pessoas que perderam o tempo regulamentar de estudos (BITTENCOURT, 2012). Já em 1989, o Estatuto do Magistério Municipal criou a EJA como uma área de atuação efetiva para atender às duas fases do ensino fundamental e, em 1993, a EJA ganhou *status* de modalidade de ensino, quando passou a significar um projeto de educação básica com uma proposta curricular própria (BITTENCOURT, 2012). Hoje, a EJA-PMF é responsável pela formação de nível Fundamental I e II, que, nessa modalidade, corresponde a dois segmentos. O primeiro segmento corresponde à alfabetização e

assume a leitura como princípio educativo. Quanto ao segundo segmento, a modalidade se desenvolve tendo a pesquisa como princípio educativo.

Nesse sentido, o currículo da EJA-PMF é fundamentado na premissa de que “a especificidade da modalidade de EJA reside nos sujeitos ao qual ela se destina e, portanto, o debate sobre o que será ensinado e como será ensinado deverá ser fruto do reconhecimento dos sujeitos da aprendizagem.” (FLORIANÓPOLIS, 2008b, p. 2). Frente a essa visão, a pesquisa como princípio educativo é lançada como possibilidade de articular a experiência de escolarização a partir dos próprios interesses dos estudantes, por meio de perguntas que nascem de suas próprias vivências, lançando mão dos objetos de conhecimento que estão presentes historicamente na escola.

Esse modelo é explicitado nos documentos que norteiam o funcionamento da EJA-PMF, como o Caderno do Professor (FLORIANÓPOLIS, 2008a), que, entre outras coisas, apresenta o embasamento teórico que justifica a proposta diferenciada. O documento estabelece que as aulas expositivas sejam substituídas por aulas em que os alunos, a partir da sua realidade, formarão problemáticas e realizarão pesquisas que devem ser apresentadas aos colegas e professores. Há também a Proposta Político Pedagógica para EJA-Florianópolis (FLORIANÓPOLIS, 2008b), que ratifica a proposta já presente no Caderno do Professor e estabelece como objetivo diminuir a distância entre os interessados em voltar a estudar e as unidades de ensino; destaca a importância da implementação de círculos de leitura e de escrita nas unidades; e ratifica a importância e a condição diferenciada da EJA como justificativa para a pesquisa como princípio educativo com fins na ampliação de conhecimentos do aluno e na sua elevação profissional.

Outro documento norteador da EJA-PMF é o Regimento Interno da EJA (FLORIANÓPOLIS, 2014), que define o que se entende por EJA; seu público-alvo; a delimitação de professores alfabetizadores para o primeiro ciclo e de professores formados em licenciatura para o segundo; as reuniões de planejamento; a instituição

da avaliação reflexiva, com revisão dos procedimentos adotados com vistas em atividades subsequentes. Além disso, ele estabelece que os núcleos EJA deverão ter seu próprio projeto político-pedagógico e estabelecer os critérios para certificação dos alunos.

Como vimos, a estrutura pedagógica da EJA-PMF é dividida em dois segmentos e, durante o período de estágio, acompanhamos apenas o segundo segmento, visto que o campo de atuação dos licenciados em Letras se dá, por regulamentação, a partir do Ensino Fundamental II. Nossa ação se deu no Núcleo Centro I, Polo Coqueiros, com sede na Escola Básica Almirante Carvalhal. Há, nesse polo, duas turmas do primeiro segmento e duas do segundo. As turmas do segundo segmento são divididas por um critério de idade. Uma turma é composta apenas por adultos saídos do primeiro segmento, enquanto a outra turma é majoritariamente composta por adolescentes ou jovens adultos que se encontravam atrasados no Ensino Regular em relação às séries esperadas para sua idade, turma na qual se deu nossa ação.

A turma é composta por 25 alunos, mas, em média, apenas oito frequentam as aulas regularmente. É uma turma agitada, mas bastante receptiva. Durante as atividades e demais momentos de leitura e escrita, percebemos que a maioria dos alunos não tem dificuldade em usar o código escrito, mas muita em interpretar ou escrever textos autorais mais longos. Também se evidenciou a dificuldade deles em seguir o roteiro de pesquisa elaborado pela própria direção da EJA. Como mostraremos adiante, esse é um ponto-chave para entendermos a relação entre a capacidade de leitura na qual o aluno apenas decodifica ou copia os textos e a capacidade de realizar pesquisas efetivas.

### 3. A PESQUISA COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO

A EJA-PMF orienta-se pela pesquisa como princípio educativo. Assume-se, portanto, o caráter da pesquisa como meio de desenvolvimento de potencialidades necessárias à realização humana. A aposta nesse princípio educativo se deve, em muito, ao modo como agimos na sociedade atual com o grande fluxo de informação presente. Ações como questionar, resolver problemas e pesquisar fazem parte do nosso cotidiano. De certa maneira, somos pesquisadores natos, uma vez que muito do nosso aprendizado vem da investigação e da experimentação que fazemos no dia a dia.

Segundo Gil (2009, p. 17), a pesquisa consiste num “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Nesse sentido, quando surge a necessidade, como quando nos deparamos com uma pergunta ou um problema, saímos em busca de uma resposta/uma solução, e, nessa busca, usamos metodologias que nos permitirão obter o que queremos. Bagno (2012, p. 18) afirma que “é mesmo difícil imaginar qualquer ação humana que não seja precedida por algum tipo de investigação”. Ações como comprar um objeto e selecionar a melhor relação custo/benefício é um processo de pesquisa. Diante da necessidade e dependendo do tipo de questão colocada e da sua relevância para a nossa vida, montamos um plano de ação para melhor abordarmos a questão e obtermos a resposta ou solução mais adequada ao problema proposto.

No ambiente escolar, por sua vez, a pesquisa assume um *status* científico. A investigação é feita com o objetivo expresso de obter conhecimento específico e estruturado sobre um tema preciso. Na EJA-PMF, a pesquisa é o eixo condutor do processo de ensino-aprendizagem. O trabalho de pesquisa não é mais um mero coadjuvante. O aluno (ou um grupo de até quatro alunos), ao ingressar na EJA, deve, já nos primeiros dias, delimitar sua pesquisa, que se origina de perguntas

(problemáticas) de seu interesse e necessidade. À vista disso, pede-se a cada aluno, ou a grupos já pré-formados, que pense em uma pergunta que seja próxima à sua realidade, de seu interesse e para a qual ele necessite dar resposta. Os alunos interessados podem pesquisar em livros, geralmente didáticos, ou revistas. Os professores pouco intervêm nesse processo inicial e não é feito um levantamento de questionamentos e problemáticas que poderiam levar o aluno a ter curiosidade sobre certos temas e entender por que se faz uma pesquisa. Diante disso, os alunos, muito comumente, propõem perguntas para as quais eles já sabem ter resposta, mas desconhecem alguns temas levantados, como por exemplo: ‘Quais os dez animais com maior risco de extinção?’; ‘Quais os benefícios das ervas medicinais?’; e ‘Qual a história da Capoeira?’.

Essas perguntas pouco instigam uma investigação mais profunda. E, ademais, em poucos minutos acessando a *web*, o aluno pode encontrar as devidas respostas, pois são questões que apresentam soluções já bastante cristalizadas e aceitas historicamente, sem grandes reflexões. As temáticas até proporcionam uma investigação aprofundada, mas as perguntas propostas não levam a esse caminho. Entretanto, qualquer pesquisa a ser realizada deve buscar o novo e se constituir como um “[...] conjunto de investigações, operações e trabalhos intelectuais ou práticos que tenham como objetivo a descoberta de novos conhecimentos, a invenção de novas técnicas e a exploração ou criação de novas realidades” (KOURGANOFF, 1990, apud MATTAR, 2008, p. 107).

Nota-se que, na citação acima, há uma clara associação entre a pesquisa e o novo: com a pesquisa, pretende-se alcançar novos conhecimentos, novas técnicas e novas realidades. Dessa forma, não pesquisamos sobre aquilo para o qual já se tem resposta ou solução. Espera-se que toda pesquisa traga algo de novo ou que busque o novo. Mesmo pesquisas que confirmam resultados anteriores trazem algo de novo.

Se analisarmos, por exemplo, a problemática adotada por uma dupla de alunos: ‘Quais os dez animais com maior risco de extinção?’, vemos que se trata de uma pergunta com respostas diretas, no caso uma lista de animais. Não há uma reflexão ou um intuito de investigar, por exemplo, quais são os critérios utilizados para definir se um animal está em risco de extinção. Não há também uma reflexão sobre as causas da possível extinção, ou mesmo, o que levaria a uma pesquisa mais detalhada, uma investigação sobre as medidas governamentais aplicadas para se evitar a extinção de certos animais e, se estão funcionando ou não, como elas podem ser implementadas ou melhoradas.

O resultado gerado é uma pesquisa limitada a apenas levantamento bibliográfico. Não que a pesquisa bibliográfica não faça parte da pesquisa, mas esta não deve se limitar a isso. A pesquisa inovadora, diferenciada do que foi até então descrito, requer, naturalmente, um levantamento prévio de fontes de qualidade, para que, em seguida, desenvolvam-se estudos e respostas que cubram lacunas, trazendo uma real contribuição. No entanto, não é o que acontece, pois não há um lugar desconhecido a se chegar, principalmente porque o próprio objeto de pesquisa já é limitado. O lugar onde se pretende chegar já está determinado e, muitas vezes, o próprio caminho a se seguir. Nesse processo, em suma, a atitude comum dos alunos mais habituados com a pesquisa desenvolvida ali é de, uma vez decidida a problemática, passar diretamente para a coleta de dados e logo depois elaborar as conclusões, apresentar e, pronto, está acabada a pesquisa. Para eles é tarefa para poucas horas ou poucos dias.

Sob a perspectiva pela qual estamos olhando, as instruções escolares na EJA-PMF, sobre a pesquisa, acabam esquecendo que as atividades discursivas de uma pesquisa, seja ela qual for, pressupõem a busca pelo novo e, para tanto, um diálogo do pesquisador, no caso o aluno, com o que já foi construído socioculturalmente. Esse esquecimento se produz, fundamentalmente, porque a leitura empreitada durante o



processo de pesquisa não é produto de um trabalho discursivo, mas apenas exercício de reconhecimento de palavras e sentidos. Em consequência, a produção de textos, elaborada para explicitar os resultados da pesquisa, tem o único intuito de mostrar ao ambiente escolar que algum trabalho foi feito.

Na seção seguinte, abordaremos essa questão de perto, discutindo as práticas e os conceitos de leitura e produção associados à prática de pesquisa realizada no universo observado.

#### 4. O ENLACE ENTRE O NOVO E O VELHO: FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS E PRÁTICAS LINGUÍSTICAS

Discutimos, na seção anterior, o processo empreendido pelo aluno ao realizar a prática de pesquisa efetuada na EJA-PMF, caracterizado principalmente pela definição de uma problemática de pesquisa limitadora e, conseqüentemente, a busca por respostas igualmente limitadoras. Na busca por fontes de informação, textos, não há uma leitura efetiva e muito menos um olhar criterioso, e, mesmo que houvesse, dificilmente se obteria bons resultados, pois a própria problemática assumida já limita as respostas ao que é mais comum. Por exemplo, dificilmente o aluno vai encontrar respostas diferentes para a problemática: “Quais os dez animais com maior risco de extinção?”. Não há grandes discussões ou diferentes pontos de vista e olhares distintos sobre esse assunto.

Em sequência, depois de decidida a problemática, o aluno busca apenas textos prontos que possam dar as informações necessárias. O aluno acessa a *web* e seleciona para impressão os primeiros textos que surgem sobre a problemática. Durante esse processo, muitos textos são buscados como fontes. Depois de encontrados os textos, na maioria das vezes, eles não são lidos, mas apenas transcritos, ou seja, não há leitura como um processo interacional.

Além do mais, cada aluno possui um caderno oficial, no qual registra cada etapa da pesquisa (problemática, mapa conceitual, justificativa, hipóteses, conhecimentos prévios, etc.), e é nesse caderno que serão registrados os textos definitivos produzidos como resultado da pesquisa realizada. O aluno transpõe algumas ou todas as informações mais importantes encontradas nos textos retirados da *web*, sem primeiramente lê-los, sem interlocução. Uma vez que esses textos estão lá, eles são definitivos. Não há reescrita, apenas transcrição.

Com esse breve panorama das atividades realizadas durante o desenvolvimento da pesquisa, podemos fazer algumas reflexões sobre as questões de linguagem envolvidas nesse processo. Para a análise das atividades de leitura e escrita aqui discutidas, adotamos a concepção de que o agir humano organiza-se a partir da linguagem, caracterizando uma interação social entre sujeitos historicamente situados. Segundo Geraldi (1993), explicitando essa concepção, muito enfatizada nos estudos de Bakhtin:

a linguagem é uma forma de inter-ação: mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana: através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não pré-existiam antes da fala. (GERALDI, 1993, p. 43).

Nesse sentido, a língua tem a função de realizar ações, agindo sobre o outro e entrecortada pelo outro, atuando através das interações verbais e sociais. E a leitura é uma forma de agir em sociedade através da linguagem. É interação que só existe no entrelaçamento dos sujeitos em diálogo, isto é, uma resposta nova aos enunciados que o precederam na continuidade da história. A leitura é, portanto, um processo de interação de natureza social, não apenas individual e de decodificação, mas vinculado ao contexto histórico.

Entretanto, no processo de pesquisa na EJA-PMF, não há interação discursiva

dos sujeitos com os textos e com os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo pela humanidade que possa levar o aluno a questionar, a ir além. A relação dos alunos com o texto é a de meros espectadores. O texto surge apenas como um carregador de informações inquestionáveis, e o aluno seu decodificador. No entanto, como afirma Geraldi, o texto

[...] se oferece ao leitor, e nele se realiza a cada leitura, num processo dialógico cuja trama toma as pontas dos fios do bordado tecido para tecer sempre o mesmo e outro bordado, pois as mãos que agora tecem trazem e traçam outra história. Não são mãos amarradas — se o fossem, a leitura seria reconhecimento de sentidos e não produção de sentido; [...] (GERALDI, 1993, p. 166).

Na descrição que Geraldi faz do processo de leitura, o aluno da EJA-PMF ocupa o papel das mãos atadas que não tecem outro bordado, outra história. O aluno simplesmente absorve o conteúdo dos textos, limita-se ao reconhecimento dos seus sentidos, e não dialoga com eles. O aluno é aquele leitor passivo, e a leitura não se configura como um encontro, mas apenas passagem de palavras em paralelo, sem escuta, somente reconhecimento ou desconhecimento, sem interação.

Contudo, o aluno precisa interagir com o que lê. Entender a situação sócio-discursiva, entender os objetivos daquele texto, reconhecer o que está implícito e pressuposto, reconhecer que qualquer texto representa um ponto de vista e que autor e leitor tomam posições em relação ao que escrevem/leem. Em função de o aluno estar diante de aspectos sociais, políticos e ideológicos ao interagir com diferentes textos, toda e qualquer leitura deve necessariamente levar em conta o contexto de produção. O aluno deve atentar, por exemplo, para os textos utilizados na pesquisa e no olhar crítico que se deve ter perante esses textos, detectando a manifestação dos significados subjacentes que servem tanto de base para as crenças de um nicho social quanto de justificativa para atos de dominação.

Portanto, é só a partir da interação com a leitura que o aluno pode tecer seus fios, partir para a produção daquilo que ele quer dizer, gerado como subproduto da

interação entre o texto que leu e suas experiências. E é dentro do universo da pesquisa que o aluno precisa ter um projeto de dizer. Ele precisa divulgar o conhecimento adquirido e os resultados alcançados durante o processo de pesquisa e leitura. Para a pesquisa seguir seu rumo, o aluno precisa produzir seus textos.

Assim como a leitura, a produção escrita também deve ser vista como um processo de interação através da linguagem. Geraldi (1997) observa que, para qualquer produção escrita, é imprescindível que se tenha: (i) o que dizer; (ii) uma razão para dizer; (iii) para quem dizer; (iv) um locutor constituído como sujeito; (v) e estratégias para a realização do dizer. Desse modo, em uma perspectiva de uso da língua, a produção textual, para ser efetiva, deve respeitar as condições de produção reais e, no caso da EJA-PMF, toda produção deve ser pautada por necessidades reais e não por meros requisitos escolares. Assim, o texto escrito pode ser entendido como o lugar onde a interação se efetiva por meio do diálogo entre os interlocutores, e o aluno entra nesse processo como participante ativo, como leitor que dialoga com textos e é capaz de produzir novos textos a partir dessa relação.

Contudo, a produção textual na EJA-PMF não produz sentidos. Ela é como uma redação escolar. Um texto produzido para, e somente para, a escola. As produções de textos atreladas ao levantamento de informações realizado não correspondem a um interesse imediato por parte dos alunos, visto que os textos se tornam apenas obrigações dentro do universo escolar. Assim como no processo de escrita da chamada redação escolar, a escrita na EJA-PMF é pautada por momentos de artificialidade. Ao produzir/copiar seus textos para avaliação do professor, produz-se algo que não é decorrente de uma real necessidade, mas apenas uma imposição daquele contexto. É algo que acontece em um contexto artificial, não existindo por parte do aluno uma real razão social para fazê-lo, o que estimula a cópia. Ora, se o aluno escreve apenas para mostrar que a tarefa foi feita, para cumprir uma exigência, se não possui uma necessidade e interlocutores reais, o texto dele não vai precisar ser dele de fato. Ele

não tem o que dizer, fere, portanto, a primeira premissa proposta por Geraldi (1997) para a produção escrita.

Por outro lado, é fato que, se a proposta de escrita for embasada na interação, a produção deixa de ser mera reprodução e passa a ser a articulação do ponto de vista do indivíduo sobre o mundo, não de forma mecânica, mas articulada com as necessidades do sujeito. Na problemática chamada ‘Qual a história da Capoeira?’, por exemplo, em vez de apenas buscar em fontes históricas a cronologia da Capoeira, o que pode ser facilmente obtido, o aluno poderia questionar a ideia de que, para alguns, Capoeira é uma dança e que, para outros, Capoeira é uma luta. Esse exercício traria vozes dissonantes em diálogo para uma questão que se tornaria sensível ao pesquisador. O aluno veria, assim, que pesquisar um assunto é ir além de respostas já prontas. A própria pesquisa se constrói com a busca de respostas, que, muitas vezes não estão ali, mas que dependem de uma investigação, da busca por diferentes fatos, opiniões e pontos de vista. O autor da pesquisa sobre a capoeira poderia, por exemplo, realizar uma entrevista com defensores dessas duas visões distintas. A produção de um gênero como a entrevista possibilitaria ao aluno ouvir diferentes opiniões e, posteriormente, empreender uma autorreflexão sobre o assunto.

Com efeito, o uso e a produção de diferentes gêneros discursivos não são fomentados durante o processo de pesquisa. Os alunos são estimulados a apenas (re)escrever resumos dos textos buscados como fontes. Diferentes gêneros discursivos devem ser produzidos durante a pesquisa e devem, acima de tudo, ser originados de acordo com as circunstâncias e as necessidades. A produção de diferentes gêneros discursivos é consequência de um processo de pesquisa realizado dentro de uma situação discursiva com interlocutores reais.

Dessa forma, a primeira condição de uma escrita é ter clara a finalidade desse ato, que deve se justificar no meio social, sempre motivada por uma necessidade real e, no caso da EJA-PMF, a elaboração de uma pesquisa relevante que traga grandes

contribuições. O que nos leva ao interlocutor desse texto, um dos elementos determinantes no processo de produção, pois a escolha das estratégias a serem utilizadas na construção do texto dependerá do interlocutor. Esse interlocutor, do modo como ele ocorre na EJA-PMF, acaba sendo o professor e, no máximo, os alunos da própria turma. Já, sob um olhar sociointeracionista, deve-se ter um interlocutor claro, que remeta o aluno ao convívio social.

Nesse sentido, as pesquisas podem e devem ser divulgadas. Para o aluno ter o que dizer, o trabalho na EJA-PMF pode facilitar, por exemplo, a divulgação das pesquisas ali realizadas, não apenas para membros do contexto escolar, mas para toda a comunidade interessada. Se o aluno pesquisa a problemática ‘Quais os benefícios das ervas medicinais?’, ele pode expor os resultados de sua pesquisa em alguma unidade de saúde de seu bairro. Assim, o aluno/autor produzirá algo para ser divulgado, levando em consideração o papel social do outro, uma vez que o interlocutor existe e torna-se um participante ativo na comunicação discursiva.

Em suma, toda e qualquer atividade de leitura e escrita, inserida no universo da pesquisa proposto pela EJA-PMF, deve, para ser efetiva, observar as condições reais e as motivações de leitura e produção de textos, a fim de diminuir a leitura como apenas decodificação e artificialidade da produção de textos pautada somente na cópia ou paráfrase. Para isso, deve-se aliar a interação e o conhecimento histórico e social acumulado de cada aluno. Dessa forma, esse novo modelo de ensino proporcionará uma pesquisa com conteúdo, razões e motivações reais, o que incentivará uma maior participação e a realização de pesquisas efetivas, e não apenas a busca de respostas prontas.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, neste trabalho procuramos mostrar que os processos de leitura e escrita realizados no âmbito da pesquisa da EJA-PMF reproduzem os processos de artificialidade encontrados no método tradicional de ensino. A atividade de leitura se restringe a um modelo de reprodução e cópia, que não atende a uma demanda real e que, assim, não requer um sujeito ativamente responsivo, inserido em uma produção discursiva. Na produção escrita não há o que dizer. O aluno apenas realiza uma cópia do levantamento bibliográfico realizado. Não há sua voz ali e, portanto, não há o que dizer. Não há também por que dizer, pois os resultados da pesquisa não ganham divulgação.

Assim, tanto a razão para dizer quanto o que dizer se anulam. Não há por que ler, a não ser pelo motivo de apresentar a pesquisa e conseguir os créditos necessários à obtenção do diploma de Ensino Fundamental. As razões desse processo deveriam ser outras. O que se preconiza aqui, como já sinalizado, são práticas linguísticas que sustentem problemáticas de pesquisa que não busquem o conhecimento já dado, mas que produzam conhecimento e que resultem em estratégias interlocutivas. O aluno, como um ser que age na e através da linguagem, deve ler e reagir criticamente aos diversos textos abordados durante a pesquisa. Precisa, nas palavras de Geraldi (1993, p. 166), retomar e tomar “os fios que no que se disse pelas estratégias de dizer se oferece para a tecedura do mesmo e outro bordado”.

Por fim, terminamos observando que as velhas práticas linguísticas de leitura como apenas decodificação e produção escrita encontram no modelo de pesquisa como princípio educativo da EJA-PMF o seu conforto. E é por conta dessas práticas que a pesquisa, a produção de conhecimento, marcada historicamente, produzida por sujeitos datados, de fato, não tem lugar. E, assim, tem-se uma nova concepção de

ensino sem a adequação de uma nova metodologia, mas a manutenção de velhas práticas.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. *Pesquisa na escola: o que é, como se faz*. 25. ed. São Paulo: Loyola, 2012.

BITTENCOURT, Suzana. *O Estágio supervisionada na EJA de Florianópolis: Uma Experiência*. EntreVer, Florianópolis, v. 2, n.2, p. 124-136, Jan/Jun. 2012.

FLORIANÓPOLIS. *Caderno do Professor*. Florianópolis, SME: 2008a. Disponível em: <[Http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/22\\_02\\_2010\\_9.36.57.04162e08d6cd8876612adc5ada375bd5.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/22_02_2010_9.36.57.04162e08d6cd8876612adc5ada375bd5.pdf)> Acesso em: 02 dez. 2015.

\_\_\_\_\_. *Projeto Político Pedagógico do Departamento da Educação de Jovens e Adultos*. Florianópolis, SME: 2008b.

\_\_\_\_\_. *Regimento Interno da Educação de Jovens e Adultos*. Florianópolis, SME: 2014.

GERALDI, João W. *Portos de passagem*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

\_\_\_\_\_. "Da redação à produção de textos". In GERALDI, João W.; CITELLI, Beatriz (Coord.). *Aprender e Ensinar com Textos de Alunos*. São Paulo: Cortez, 1997.

GIL, Antonio C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MATTAR, João. *Metodologia científica na era da informática*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

Submetido em: 24/02/2016

Aceito em: 04/04/2016